

Interculturalidade e o Ensino de Literatura Alemã no Brasil

Henrique Evaldo Janzen

Departamento de Teoria e Prática de Ensino - Universidade Federal do Paraná (UFPR)–
Rua General Carneiro, 460 – CEP 80060-150
henrijan@uol.com.br

Abstract. *This work presents a proposal of pedagogical and intercultural approximation of the education novel of the German literature Jakob von Gunten, from Robert Walser, which is, by didactic finalities, mediated by anterior reading of the Brazilian education novel O Ateneu, from Raul Pompéia; it is based on the Bakhtinian conception of language. In the empirical part of this work, it is perceived didactic approximation viability of sense construction of German literary text through compositional structure analysis and of thematic unities present in both novels.*

Keywords. Bakhtin; culture; literature; education

Resumo. *O presente trabalho apresenta uma proposta de aproximação pedagógica e intercultural, a partir da concepção bakhtiniana de linguagem, do romance de formação da literatura alemã Jakob von Gunten, de Robert Walser mediada, com finalidades didáticas, pela leitura anterior do romance de formação brasileiro O Ateneu, de Raul Pompéia. O estudo constata a viabilidade da aproximação didática na construção de sentido do texto literário alemão através da análise da estrutura composicional e das unidades temáticas presentes nos dois romances*

Palavras-chave. Bakhtin; cultura; literatura; educação

1. Introdução

O presente trabalho foi elaborado a partir de um recorte de nossa tese de doutorado intitulada *O Ateneu e Jakob von Gunten: Um diálogo intercultural possível*. Nesta pesquisa, propusemos a aproximação pedagógica-intercultural do romance de formação da literatura alemã *Jakob von Gunten*, de Robert Walser, mediada, com finalidades didáticas, pela leitura anterior do romance de formação brasileiro *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Esta aproximação didática, que visava a construção de sentido para estudantes brasileiros face ao texto literário alemão, deu-se a partir da concepção bakhtiniana de gêneros discursivos. No presente texto, porém, antes de apontarmos para a aproximação pedagógica-intercultural (via gêneros discursivos) entre os romances citados, focalizamos o conceito de exotopia e seu diálogo com a interculturalidade (Germanística intercultural), pois este serviu de substrato teórico para análise dos dois romances.

2. Exotopia

A discussão que envolve a exotopia como categoria do pensamento bakhtiniano está presente principalmente no texto *O Autor e o Herói (1987)*. Convém apontar que esta

categoria não pode ser dissociada de outros elementos do universo bakhtiniano, como o plurilingüismo social - as outras vozes sociais presentes na nossa formação e que nos constituem -, o presumido (extra verbal) e a natureza dialógica da linguagem. A exotopia, “o estar do lado de fora”, o não coincidir com o outro, constitui uma questão fundamental na reflexão que envolve a alteridade intercultural, “o estar do lado de fora cultural”.

A reflexão sobre a criação literária a partir da qual o autor desenvolve o conceito de exotopia, está presente em boa parte da obra de Bakhtin e, muitas vezes, é ponto de partida para discussões que envolvem a filosofia da linguagem, a ética, teoria da comunicação e o diálogo cultural. Como em outros textos bakhtinianos, existe um diálogo entre o universo artístico e a vida extra-literária, pois Bakhtin vai estabelecendo analogias, diferenças e interdependências entre estes campos no desenvolvimento epistemológico de sua obra (da relação com a esfera cultural).

Para o autor, um dos elementos fundamentais da exotopia é o *excedente de visão*. Conforme Bakhtin, “quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem” (1997: 43). Um dos observadores percebe, obviamente, no *outro*, a partir do seu excedente de visão, coisas que só ele pode perceber – pelo lugar que é o único a ocupar (e pelo sentido único) – e que são inacessíveis ao outro (outra cultura). Ainda de acordo com o autor, “o excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se” (BAKHTIN, 1997: 44).

Bakhtin postula neste processo dialógico a efetivação da empatia: “ver o mundo através dos valores do outro”, percebendo coisas que só são acessíveis a um dos interlocutores, para depois retornar (através da contemplação) à posição inicial, que possibilita elaborar o seu acabamento e o do outro. Quando Bakhtin se refere a esta perspectiva exotópica na vida, ressalta que a riqueza da exotopia não está na duplicação do semelhante, porém no fato de que este *outro* vive (e continua vivendo) numa categoria de valores diferentes: “é preferível que ele permaneça fora de mim, pois é a partir da sua posição que pode ver e saber o que, a partir da minha posição, não posso nem ver nem saber, sendo assim que ele poderá enriquecer o acontecimento da minha vida.” (ibid., 103).

Importante indicar que esta *incompletude a priori* - conforme denominação de Tezza (2003) - que vive da falta substancial, com relação *ao tempo*, ao *espaço* e aos *significados*, só pode ser completada pelo olhar do outro. A percepção, o foco avaliativo, o ponto de observação valorativo-emotivo do outro impregnam a nossa visão de mundo nas primeiras experiências que temos na vida e nos oferecem parâmetros para a construção da nossa *Weltanschauung*.

Segundo o autor, esta orientação axiológica do *outro* nos acompanha pela vida. O outro vai imprimindo uma orientação axiológica nas palavras e atitudes e vai nos completando, como apontado anteriormente, já nas primeiras experiências.

Os extremos da vida - o nascimento e a morte - não pertencem a nós, porém ao outro, que de fora os revela, e lhes pode dar acabamento com sua perspectiva de exotopia. “Quando nascemos, esses mundos de representação já existem, o outro já construiu para nós

e é, agora, na minha relação com esse outro, com os outros, que o meu mundo semiótico vai ser construído" (CASTRO: 1997: 104).

Cumpramos ressaltar que na vida este *acabamento* - a partir de uma orientação dialógica - é fragmentado e se processa de maneira contínua.

Se na vida o acabamento que damos ao outro é fragmentado, na obra de arte – no evento estético – o acabamento é uma reação ao todo. Na arte literária, a consciência do autor engloba a totalidade do herói. O autor, segundo Bakhtin, com seu excedente de visão provoca uma tensão valorativa – pois os centros de valores não são coincidentes.

De acordo com Bakhtin, o acabamento é garantido pela distância entre o autor e o herói. Para a elaboração do evento estético, o autor encontra-se em um momento posterior “não só no tempo” (temporalmente fora da vivência do herói), mas também em um momento posterior no sentido (o autor é transcendente no tempo, espaço e valores). O autor precisa se distanciar para contemplar e elaborar o acabamento estético do herói, pois quando os dois se fundem não existe exotopia, mas, como já indicado anteriormente, ocorre uma duplicação dos centros de valores, não existindo, portanto, uma forma estética acabada. De acordo com Bakhtin, “o herói não faz seu próprio acabamento” (p. 202).

Se por um lado não se pode fazer uma transposição automática da relação entre o *outro* na vida extra-literária e a alteridade no universo cultural (literário), por outro existem elementos em comum, com destaque para a exotopia (e o distanciamento valorativo).

Para Bakhtin (1997), a alteridade é a condição de identidade. O outro me completa. No texto “Os estudos literários hoje”, o autor indica a importância da exotopia cultural na introdução de elementos novos na construção de sentido da própria cultura. “Na cultura, a exotopia é o instrumento mais poderoso da compreensão, a cultura alheia só se revela em sua completude e em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, (...)”

Se apenas nos transpusermos para a outra cultura para a compreensão desta (empatia) e não retornarmos para elaboração de uma síntese, poderemos estar apenas produzindo uma duplicação desta cultura.

O discurso unitário e da homogeneização a partir de uma visão particular esvazia a perspectiva exotópica e a natureza dialógica do encontro cultural. O (aparente) diálogo cultural que não concebe efetivamente uma alteridade cultural (presença e voz do outro que me constituem) corre o risco de ser esvaziado numa duplicação de uma voz social (cultural).

Entendemos, após pesquisa bibliográfica, que a Germanística intercultural está mais concentrada em reflexões teóricas, o que nos parece problemático se considerarmos que no universo acadêmico – mais especificamente na didática de ensino de literaturas estrangeiras – pressupõem-se mediações que envolvem a práxis intercultural.

Falta, parece-nos, a perspectiva exotópica da outra cultura via recepção produtiva e trabalhos (por parte da Germanística intercultural) com obras da literatura do universo do estudante estrangeiro (brasileiro, por exemplo). Da mesma forma, encontramos pouquíssimas publicações que apontem o estranhamento dos estudantes face à literatura, ao

cânone da literatura alemã, a partir do olhar intercultural, assim como poucas sugestões didáticas de trabalho com obras da literatura do universo do estudante (no nosso trabalho, do estudante brasileiro) como ponto de partida, para posterior posicionamento exotópico em relação à cultura alemã.

Por sua vez, o posicionamento exotópico de outras culturas e seus excedentes de visão (no sentido de orientação bakhtiniano) pouco aparecem, como já indicamos acima, nos estudos da interculturalidade.

Entendemos que a leitura do romance de formação (gênero literário, *Bildungsroman*) brasileiro precedendo a leitura do romance alemão, gera campo fértil, a partir de uma perspectiva exotópica do estudante/leitor brasileiro, para a produção de novos sentidos face ao romance de formação *Jakob von Gunten*.

3. Gêneros Discursivos

Visamos, neste trabalho, a aproximação destas obras literárias pela análise da estrutura composicional e das unidades temáticas,¹ partindo da obra da literatura brasileira representativa por estar presente no cânone escolar e próximo da experiência de leitura do aluno brasileiro. Nesse sentido, procuramos vincular este trabalho de leitura de uma obra da literatura alemã (Germanística no Brasil) a uma máxima da didática do ensino da literatura brasileira para adolescentes apresentada por Bosi: "Temos que aceitar que o adolescente tem um mundo de experiência mais restrito e que é preciso começar pelo conhecido, e, depois, aventurar-se pelo desconhecido" (1992: 103). De forma análoga, mas por caminhos diversos, o estudante brasileiro de língua alemã frequentemente tem um mundo de experiências restrito e necessidades específicas em relação às obras da literatura alemã. Por esta razão, a nossa proposta é estabelecer um paralelo entre as obras *O Ateneu* e *Jakob von Gunten*, partindo do universo cultural-literário brasileiro, para posterior análise do romance *Jakob von Gunten*, vinculando ambos os romances a um chão discursivo comum (cf. Perrone-Moisés, 1988).

Para Bakhtin, "gêneros de discurso são os enunciados dos integrantes de uma ou doutra esfera da atividade humana e estas esferas de utilização da língua elaboram seus tipos relativamente estáveis de enunciado"(1997: 279). O autor assinala que os gêneros do discurso organizam nossas falas, pois aprendemos a moldá-las às formas de gêneros disponíveis, escolhendo uma delas.

Parece-nos importante indicar que, para Bakhtin, as pessoas aprendem a identificar e utilizar os gêneros de uma maneira "natural", como na aprendizagem de uma língua. Bakhtin afirma que os gêneros discursivos se organizam em: estrutura composicional, tema (unidade temática) e estilo verbal. Ressalta que estes *três elementos fundem-se no todo do enunciado*. Tezza (1996), no texto "O autor e o herói - um roteiro de leitura", indica a vinculação entre os gêneros de uma *linguagem romanesca* (gênero secundário) e a permanente troca com a linguagem viva e inacabada da vida cotidiana.

Compreendendo que - a partir da realidade social e das novas possibilidades estético-literárias - os gêneros de discurso são renovados, sofrendo variantes diversas, consideramos de fundamental importância assinalar que um texto literário não é produzido no vazio cultural¹¹e, por esta razão, concordamos com Perrone-Moisés quando indica que "a

obra literária nasce sempre de um diálogo com o grande texto cultural preexistente" (1988: 36).

Nosso objeto de análise neste texto é o gênero discursivo a ser trabalhado no ensino da literatura - o *Bildungsroman*. Mais especificamente, ocupamo-nos da representação literária das instituições de ensino nas obras *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Jakob von Gunten* (Doravante, *JvG*), de Robert Walser. Antes, porém, de analisarmos a estrutura composicional e os temas presentes nos dois romances apresentamos, de forma resumida, os elementos centrais dos *Bildungsromane*.

Para Jakobs, "no centro do romance deve estar a história da vida de um jovem protagonista que, a partir de enganos e decepções, procura o equilíbrio com o mundo. Este equilíbrio é freqüentemente apresentado de uma forma irônica ou reservada" (1989: 37). Segundo Maas (2000: 62), citando Jakobs, é característica do *Bildungsroman* que o protagonista tem como experiências típicas *a separação da casa paterna*, a atuação de mentores e de *instituições educacionais*, o encontro com a esfera da arte, aventuras eróticas (mesmo que apenas intelectualizadas), experiência em um campo profissional e, eventualmente, também contato com a vida pública, política.

A partir, portanto, da semelhança na estrutura composicional e das proximidades temáticas, elaboraremos aproximações possíveis entre *O Ateneu* e *JvG*, objetivando minimizar os estranhamentos por parte do estudante brasileiro face ao romance alemão. Procuramos, assim, enriquecer a recepção da obra *JvG* com novos elementos, possibilitando uma efetiva visão exotópica, conseqüentemente intercultural, do romance alemão. Um elemento central e recorrente, constitutivo da estrutura composicional do *Bildungsroman*, é a saída de casa efetuada pelo menino/adolescente. Esta viabiliza a tentativa de libertação do mundo infantil através de uma educação pedagógico-institucional e de uma formação sentimental do herói em uma jornada marcada por ritos de passagem.

Um outro aspecto da estrutura composicional presente nos dois romances - e bastante recorrente nos romances do gênero *Bildungsroman* da virada do século - é a construção do narrador em primeira pessoa. Este detém o monopólio das avaliações no romance, gerando um ponto de vista único e acabado em relação às personagens e às experiências daquele universo. Vale ressaltar que, nos romances de fundo autobiográficoⁱⁱⁱ, como estes que estamos analisando, autor e narrador coincidem ou estão muito próximos.

Cabe indicar que, na estruturação composicional do romance *O Ateneu*, outros gêneros discursivos, como cartas, conferências e discursos, estão inseridos e atuam na construção composicional do romance.

As unidades temáticas, assim como a estrutura composicional, são elementos que possibilitam a aproximação pedagógica intercultural dos romances *O Ateneu* e *JvG*. Para a análise destas unidades, dividimos os temas abordados nos romances em duas unidades temáticas, visando a aproximação didática e a mediação cultural para os estudantes brasileiros de Germanística. Convém apontar que os temas podem ser vinculados entre si, de forma que indicamos estas conexões possíveis. Os temas são: *patriarcalismo e personalismo e concepções pedagógicas*

A temática *patriarcalismo e personalismo* está estreitamente relacionada ao tema *concepções pedagógicas*. A perspectiva da autoridade patriarcal absoluta gera campo fértil

para a aplicação de metodologias fundamentadas na obediência, na submissão e, em diversas situações, na subserviência. No cerne dos movimentos pedagógicos dos dois romances está a visão patriarcal, que funciona como esteio da vida familiar. Esta perspectiva está associada à visão de família da época, tanto no Brasil quanto na Alemanha, embora com tonalidades ideológicas e históricas distintas^{iv}.

No internato (Ateneu), o personalismo do diretor está associado à visão autoritária e à forte hierarquização. Controle é a palavra-chave; e, para que este possa ser exercido, institui-se um modelo de internato com marcantes tonalidades do padrão militar (visão hierárquica). Este modelo exige a homogeneização e uniformidade de comportamento, construída, entre outras, com máximas pedagógicas. Sem dúvida, a visão patriarcal da sociedade da época, construída num contexto sócio-cultural e histórico específico, possibilitou e sustentou o sistema educacional em vigor no Ateneu na virada do século.

A postura de autoridade absoluta também está presente no romance *JvG* e é personificada pelo diretor, senhor Benjamenta, a quem os meninos devem total submissão e obediência.

O posicionamento, a partir de uma figura masculina forte e modelar, possibilitava a inserção de inúmeras prescrições, códigos e punições, que orientavam toda a conduta no internato.

De maneira semelhante ao que ocorre no romance *O Ateneu*, também a punição pública tem a função de ser exemplar. Na frente dos colegas, Jakob recebe do diretor uma palmada na cabeça. Entendemos que este processo de punições e de prescrições da anulação do sujeito tem como substrato o caráter patriarcal da sociedade da época.

Assim como Sérgio no romance brasileiro, a auto-estima de Jakob está seriamente comprometida. Hiebel (1991) indica, nesta direção, uma tendência melancólica e depressiva em Jakob que, segundo o autor, deve-se à sua relação com a autoridade e o poder. Com ironia e desencanto, o narrador esclarece que os alunos nada esperam; foi-lhes prescrito não terem esperança. A melancolia, a fragilização do ego e a desestruturação do emocional podem ser percebidas pela letargia e pelo eterno sono que acomete os adolescentes nos dois romances. A morte, numa associação à melancolia e à depressão, é um dos *leitmotivs* das obras (a idéia do suicídio ronda algumas personagens das obras).

Semelhantemente ao Ateneu, mas com tonalidades históricas, sócio-culturais e políticas alemãs, a disciplina militar era ideal para a manutenção do controle e da hierarquia, conquistada com a rotina, a previsibilidade e a perspectiva da obediência absoluta, postulado de uma sociedade patriarcal, associado, no romance *JvG*, ao personalismo do senhor Benjamenta.

Como indicamos anteriormente, existe uma relação entre a *visão patriarcal e personalista e a concepção pedagógica* presentes nos dois romances. Visões pedagógicas não se constroem dissociadas de um conjunto de valores e dos fundamentos da sociedade.

Considerando que o gênero discursivo dos textos em análise focaliza a formação dos heróis, convém destacar que os romances discutem as diversas esferas de formação, estabelecendo relações com a formação institucional escolar.

Ainda que estando a cargo do internato, a formação integral do herói se dá, nos dois romances, muitas vezes, em contraposição aos valores e preceitos pedagógicos expressos e aplicados pela instituição. A formação moral e a afetiva são decorrentes do contato com personagens em situações externas à sala de aula. Pode-se dizer que a formação dos heróis desenvolve-se em diálogo com a instituição e, principalmente, em contraposição ao discurso oficial nela enunciado.

Os valores morais eram difundidos, especialmente, em forma de máximas pedagógicas. Estas constituem um dos esteios da visão pedagógica vigente no internato e, por isso, são marcadas em diversas passagens do romance brasileiro (normalmente, permeadas por observações irônicas). De forma ilustrativa, apresentamos uma: “Nenhum mestre é mau para o bom discípulo (...)” (At, 29). Entendemos que estas máximas estão muito próximas às palavras de ordem que buscam a uniformidade da visão militar. Na perspectiva do narrador, são “as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor” (At, 10). Em um discurso comemorativo de entrega de prêmios, com a presença de pais e convidados, Aristarco utilizou a clássica comparação – lugar comum nesta perspectiva pedagógica – da educação com uma horta: “Com o Ateneu estava satisfeito: uma sementeira razoável; não se fazia rogar para florescer. Corações de terra rocha, onde as lições do bem pegavam vivo. Era cair a semente e a virtude instantânea espipocava. Uma maravilha, aquela horta fecunda! Antes de maldizerem do hortelão, caluniadores e invejosos julgassem-lhes os repolhos, pesassem-lhes os nabos, (...)” (At, 185).

A utilização destas máximas configuradas como palavras de ordem visava à rápida memorização, uma das práticas comuns à perspectiva pedagógica do internato.

Nesta orientação pedagógica, as aulas eram totalmente centradas nos professores, que orientavam as atividades. Estes não pressupunham o aluno como interlocutor, mas apenas como “depósito” de informações. As atividades eram elaboradas para serem memorizadas como esquema, fixadas pela repetição (automatismo). Esta não pode ser desvinculada das outras experiências e dos valores que permeiam a jornada dos heróis.

Em meio a este cenário, havia espaço também para a formação efetiva do aluno. Esta formação normalmente concretizava-se fora da sala de aula. Eram inúmeras leituras na biblioteca, a descoberta de autores como Júlio Verne, as apresentações e discussões literárias no Grêmio Literário e, principalmente, longas e apreciadas conferências do professor Cláudio.

Convém destacar que a formação política acontece em situações de palestras abertas ao público em geral, incluindo também não estudantes da instituição, realizadas fora da sala de aula.

Como indicamos anteriormente, no romance alemão, assim como em *O Ateneu*, existe uma relação entre a visão patriarcal e personalista e a concepção pedagógica. Esta concepção viabiliza um universo de prescrições e códigos que sustenta a homogeneidade de comportamento e o controle. O substrato que fundamenta esta *Weltanschauung* é a submissão e obediência irrefletida, que os alunos devem aos professores e, principalmente, ao diretor: “A lei que ordena, a impingência que obriga e as inúmeras prescrições inflexíveis que nos ditam o rumo e o gosto: é isso que é grande e não nós os alunos” (JvG, 64).

Obediência, submissão e prescrições são palavras-chave que sinalizam para a concepção pedagógica presente no romance *JvG*.

Questão central, assim como no romance brasileiro, é sem dúvida a questão moral, mais especificamente, o comportamento, que é depurado com a execução dos preceitos presentes no livro *O que move a escola Benjamenta?* (*JvG*, 8). A moral e o comportamento são focalizados no livro com o intuito de prevenir falhas de caráter, objetivando formar um aprendiz de obediência exemplar. O modo como devem se comportar os meninos da escola Benjamenta, é, portanto, o eixo central em torno do qual orbitam as principais questões pedagógicas do instituto.

Também neste romance (como no romance *O Ateneu*) as máximas pedagógicas, com intenções formadoras, exercem um papel importante. De forma ilustrativa, podemos citar: “O asseio em si é uma felicidade” (*JvG*, 49). Uma outra máxima está relacionada à metáfora pedagógica do jardim (No *Ateneu*, Aristarco utiliza o pomar para ilustrações didatizantes): “O bom comportamento é um jardim que floresce” (*JvG*, 83). Porém, se alguém se comporta mal, caminha por um jardim que está próximo ao inferno. As máximas, caracterizadas por uma perspectiva reducionista, têm a função de controlar, orientar e criar uniformidade (estas são vistas pelo autor com ironia).

De forma semelhante a Sérgio, do romance *O Ateneu*, Jakob também, entre ironia e desencanto, questiona a formação no instituto. Os questionamentos são, como no romance brasileiro, intercalados por comentários que indicam a baixa auto-estima, a falta de valor dos aprendizes, a desconfiança e o medo em relação ao futuro.

Quanto à metodologia de ensino utilizada no instituto Benjamenta, ela está alicerçada nas repetições do código de conduta. Hiebel, em constatação semelhante à nossa, indica a principal atividade em sala de aula: “A aula, que é sempre repetida, consiste na parte teórica de memorização (...)” (1988: 252). A repetição da mesma aula (*JvG*, 9) e a dormência dos professores são sintomáticas de um ensino que não promove aprendizagem, não visa ao conhecimento e ao desenvolvimento intelectual dos alunos.

Jakob percebe as diminutas possibilidades de aprendizagem e ameaça abandonar o instituto já no início da narrativa, questionando os modelos didático-metodológicos. Jakob, ao mencionar os *drills* utilizados na aprendizagem, deixa claro, no tom irônico da narrativa e incorporando os objetivos pedagógicos do instituto, que este procedimento metodológico deveria honrar os aprendizes, pois dispensa a reflexão (*JvG*, 89).

O modelo educacional, de maneira semelhante à orientação do *Ateneu*, é marcado pela falta de incentivo à participação e criatividade dos aprendizes

Constatando a limitadora formação do instituto, Jakob detém-se na observação da prática pedagógica de alguns professores. Diante das limitações destes, o narrador sugere ao professor de ciências naturais que talvez teria sido melhor se tivesse se tornado apicultor. O professor de francês é chamado de mentiroso. Suas aulas são uma mentira, pois o professor nada ensina. Ao professor de história, ele aconselha o sono, pois os heróis antigos não têm mais valor.

Por diversas vezes, Jakob indica que a aprendizagem verdadeira acontece fora da sala de aula. As constantes conversas que Jakob desenvolve com os irmãos Benjamenta,

principalmente com a senhora Benjamenta, enriquecem-no (moral e afetivamente) mais que os professores e suas aulas.

A cidade de Berlim é um espaço importante na aprendizagem de Jakob. Entendemos que as observações que o narrador faz sobre o movimento da cidade, as experiências, inclusive amorosas, são efetivamente formativas. O narrador comenta, ao observar as pessoas na cidade, que a cidade educa mais que os livros.

Jakob é introduzido pelo irmão no mundo das artes. Este contato com o mundo artístico é também recorrente nos *Bildungsromane*, fazendo parte da formação do aprendiz. Johann, irmão de Jakob, assim como o professor Cláudio do romance brasileiro, também discorre sobre o universo político.

Diferente da formação verdadeiramente integral que os heróis recebem fora do espaço da sala de aula, o caráter pedagógico institucional em ambos romances reforça o caráter autoritário e imobilista da instituição escolar marcada pela ausência de reflexão e de criatividade, reduzindo a metodologia à memorização de conteúdos e máximas pedagógicas. O entrelaçamento desta visão pedagógica à visão patriarcal, comum aos dois romances permite a aproximação pedagógica-intercultural via unidade temática.

No presente trabalho, tivemos por objetivo propor a aproximação pedagógica do *Bildungsroman* alemão *Jakob von Gunten*, mediada pelo romance de formação brasileiro *O Ateneu*, para o estudante brasileiro de língua e literatura alemã. Assim, apresentamos uma proposta didático-metolológica para a construção de sentido do texto literário da literatura-alvo que segue um percurso que parte do familiar e conhecido e, posteriormente, aproxima-se do texto da cultura estrangeira.

A mediação pedagógica é realizada através da análise dos elementos discursivos constitutivos do gênero literário romance de formação. Nesta análise, focamos – fundamentados na concepção de gêneros discursivos formulada por M. Bakhtin - a estrutura composicional, na qual estão incluídos elementos do estilo verbal, e as unidades temáticas do romance *O Ateneu* tendo em vista a identificação dos elementos caracterizadores deste gênero produzido na cultura brasileira a fim de facilitar a posterior identificação destes elementos no romance alemão.

Entendemos que a leitura do romance *O Ateneu* precedendo a leitura do romance *JvG* se mostrou importante na mediação pedagógica para, o que nos parece, uma melhor compreensão de sentido da obra alemã. Deste modo, tal proposta pode auxiliar na diminuição da estranheza cultural em relação à obra da literatura estrangeira, favorecendo um escopo mais amplo de produção de sentido.

ⁱ Focalizamos, neste artigo, basicamente a estrutura composicional e as unidades temáticas.

ⁱⁱ Não aprofundaremos, neste texto, os aspectos do contexto histórico e sócio-cultural da época de produção dos romances.

ⁱⁱⁱ Na tese, dividimos os temas abordados nos romances em três unidades temáticas. Neste trabalho, excluímos o tema *visão da mulher e sexualidade*.

^{iv} Existe um consenso entre os diversos autores pesquisados para este trabalho de que as obras citadas são de fundo autobiográfico. Os dois autores dos romances de formação a serem analisados estão sem dúvida dialogando com aspectos de sua formação educacional em internatos; este diálogo pode ser estendido a outros elementos da sociedade da época, configurando não apenas uma crítica à educação, mas também à sociedade de modo mais amplo.

4. Bibliografia

BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BOSI, A. Literatura e Ensino de Literatura. In: *Literatura/Ensino: Uma Problemática*. Rocco (org.). São Paulo, Ed. Ática, 1992.

GRENZ, Dagmar. *Die Romane Robert Walzers: Weltbezug und Wirklichkeitsdarstellung*. München, Wilhelm Fink Verlag, 1974.

HIEBEL, Hans H. *Robert Walkers Jacob Von Gunten. Die Zerstörung der Signifikanz im modernem Raum*. In: *Robert Walzer*. Hrsg. von Klaus-Michel Hinz und Thomas Horst. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991.

JACOBS, Jürgen u. KRAUSE, Markus. *Der deutsche Bildungsroman: Gattungsgeschichte vom 18. Bis zum 20. Jahrhundert*. München, Beck, 1989.

KAYSER, H.C. *Bild und Funktion der Schule in der Deutschen Literatur um die Wende zum Zwanzigsten Jahrhundert*. Washington University, Ph.D., 1970.

MAAS, Vilma. *O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo, UNESP, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lautréamont e Raul Pompéia. In *O Ateneu: retórica e Paixão*. (org.) Leyla Perron-Moisés. São Paulo, Brasiliense/EDUSP, 1988.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu. Crônicas de Saudades*. São Paulo, Círculo do Livro.

TEZZA, Cristovão. Sobre o autor e o herói - um roteiro de leitura. In: *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba, Ed. UFPR, 1996.

WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: Ein Tagebuch*. Zürich und Frankfurt am Main. Suhrkamp. 1985.